

Labirintos da ficção: entrevista com o escritor português Francisco José Viegas

Adenize Franco

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Francisco José Viegas é escritor português contemporâneo, autor de poemas, contos, livros de viagem, teatro, crônica e romances. A entrevista que se apresenta foi realizada em maio de 2012, no Palácio da Ajuda em Lisboa, Portugal, no espaço dedicado ao antigo Ministério da Cultura e escritório da atual Secretaria de Estado de Cultura. À época, o escritor ocupava o cargo de Secretário de Estado de Cultura de Portugal. Ao conceder a entrevista, o escritor partilha conosco questões referentes ao seu projeto literário, sua opção pelo gênero policial, suas escolhas temáticas, seu processo de escrita, sua relação com o Brasil e sua visão melancólica de Portugal, do mundo e da vida. Deve-se ressaltar que esta entrevista trata-se de um apêndice da minha tese de doutoramento em que analiso alguns dos romances do autor.

Adenize Franco: Como surgiu a ideia de escrever um romance em que há um personagem detetive, um inspetor, que permanece em quase todos os seus romances? O personagem surge em *O crime em Ponta Delgada* (1989), juntamente com Filipe Castanheira, e depois, Jaime Ramos torna-se o personagem principal. Por que sua escolha por esse tipo de romance, com tônica de romance policial?

Francisco José Viegas: Acho que são romances de personagens. O policial, como dizem do policial americano, é um *plus*. E, agora, ainda tem dois cadáveres. Além do romance há dois cadáveres. Eu acho que são romances... por um lado há o caricatural. É policial porque quase toda literatura é policial. Toda literatura trata da morte, do desaparecimento, trata do mistério, do enigma, da punição, da culpa, portanto, toda literatura, nessa matéria, é policial. Depois, porque o policial criou um ambiente muito próprio. Nós vamos à procura de qualquer coisa no policial, só que o que me interessa a mim no policial não são as regras, não é a sociologia do crime. Estou interessado naquilo que anda à volta, ou seja, numa explicação para coisas portuguesas, mistérios da vida portuguesa, se quiser, através de um detetive que, para mim, é uma

figura cômica, é amável. Por isso que ele (*o romance*), em *Um céu demasiado azul*, tem aqueles universos todos desencontrados, em que o passado vem sempre buscar as pessoas. O jovem publicitário é ex-militante mal visto que se transforma em um publicitário de renome, mas a quem o passado vai lá, buscá-lo, porque tem uma namorada abandonada que, ainda por cima, era estudante de filosofia e era *stripper*. Eu acho que estes mundos dizem que Portugal não resolveu bem os anos 80 e eu acho que escrevo um pouquinho sobre isso. O fato de Portugal ainda não ter resolvido bem esses anos 80 e, por outro lado, também não ter resolvido bem a questão de África. Tanto *Longe de Manaus* como *O mar em Casablanca* falam disso, que é (*o fato de que Portugal*) não resolveu a questão do Império. Agora eu estou morto por ler um livro ali que é do Miguel Real¹ em que ele diz que o Jaime Ramos é o grande personagem do pós-25 de abril. Ainda não li. Mas de facto o que me interessava é que eu gosto do romance de personagem, do romance de herói. Eu acho que a gente procura o romance de herói. O problema é que, eu, no meu caso, não posso escrever o (*Dom*) *Quixote*, como (*Jorge Luis*) Borges, como *Pierre Menard*, e também não posso escrever o *Tristram Shandy*, do (*Laurence*) Sterne, que é outra referência, não é? É a referência mais caricatural e cômica da nossa literatura, da literatura europeia. E, portanto, eu tenho que lidar com modelos muito mais próximos. O policial, por outro lado, fornece-me uma série de instrumentos que favorecem a imensa preguiça do autor, tem a ver com o modelo: tem um cadáver, logo há um argumento. Por isso, Jaime Ramos diz em vários momentos: “Eu sou um biógrafo. Eu não sou propriamente um detetive. Eu sou um biógrafo.” Pronto. Obviamente o que ele refaz, o que se refaz é a vida dele. No *Longe de Manaus*, ele refaz uma parte da vida dele, porque tem África, mas por outro lado, todos nós temos África e Brasil no sangue. Ou temos alguém que vive no Brasil ou que vive em África. Ou temos nostalgia do Brasil. Os portugueses nunca hão de se refazer da nostalgia do Brasil. É a nostalgia do que nunca tiveram. Os portugueses nunca tiveram o Brasil. O Sérgio Buarque de Hollanda, em *Raízes do Brasil*, diz uma coisa muito engraçada sobre os portugueses. Diz que os portugueses foram ao Brasil, mas que sua ética não era a da criação de riqueza, mas a da fortuna. Ou seja, os portugueses

¹ “[...] Transfigurado esteticamente, Jaime Ramos torna-se, assim, a personificação literária das angústias sociais e ideológicas e dos desejos individuais dos portugueses que fizeram empenhadamente o 25 de Abril [...]” (REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. Lisboa: Caminho, 2012, p. 125.)

nunca foram para um lugar para se estabelecer definitivamente. Foram para fazer fortuna e voltar. E foi isso que eles fizeram no Brasil. Quer dizer, dos vinte anos que os holandeses estiveram em Pernambuco, fizeram mais por Pernambuco do que os portugueses em séculos. Construíram jardins, bibliotecas, observatórios, ruas, canais, palácios etc... Os portugueses nunca fizeram nada disso porque estavam sempre de passagem. Passagem para qualquer lado, (*os portugueses*) vão de um lugar a outro. A memória do império nos livros de Jaime Ramos tem um bocadinho a ver com essa história. Nunca está em lado nenhum. Uma vez encontrei em Timor uns portugueses. Eles reuniam-se todas as sextas-feiras para jantar. Eram dez, onze portugueses. Eu achei curioso e disse (*eu estive lá três semanas*): “Eu posso jantar convosco?” “Ah, não, vai jantar!” E durante o jantar, passavam a vida a dizer mal de Portugal. E eu disse: “Vocês estão a dizer mal de Portugal, mas depois disso vocês voltam a Portugal e como enfrentam o país?” E eles responderam: “Voltar a Portugal? Mas nós nunca voltaremos a Portugal.” (*Risos.*) “Eu vou para Moçambique.” “Eu vou para o Brasil.” “Eu vou para Austrália.” “Eu devo ir para Angola ou Singapura.” Ninguém queria voltar para Portugal. Foi uma das coisas que mais me intrigou enquanto estava a escrever o *Longe de Manaus*, que é a história dos que não querem voltar. Aquele personagem que tem um apartamento no Santo Ovídio, um lugar horrível no Porto, em Gaia. A casa dele é sempre fora de Portugal, é em Angola ou é em Manaus.

AF: Em relação a *Longe de Manaus* e *Lourenço Marques*, houve uma ruptura em sua produção a partir desse último? Ainda que Jaime Ramos não seja personagem, mas continua sendo um romance dessa demanda, dessa busca. É um romance de personagens, em que estes estão buscando alguma coisa que lhes falta...

FJV: Mas *Lourenço Marques* podia ter o Jaime Ramos. Aliás começou por ter o Jaime Ramos. Eu comecei a escrever o romance em 1995 e só acabei em 2002. E saiu *Um céu demasiado azul*, saiu *Um crime na exposição*, *Um crime capital*. Eu percebi que tinha um cenário, e que tinha uma história. Uma história banal, que era a história de alguém. E tinha aquela história do (*Alfred*) Hitchcock que se levantou à noite, teve um sonho, escreveu qualquer coisa e no dia seguinte, durante o pequeno-almoço disse: (*fala de Hitchcock*) “Acordei-me à noite, tive um sonho e, afinal, é a história de um filme, já tenho aqui um argumento”. E toda a gente quis saber o que ele tinha ali. O que ele tinha escrito era só “A man loves a woman”. Não tinha mais nada. “Um homem ama uma

mulher.” Pronto. E essa é a história de *Lourenço Marques*: um homem ama uma mulher e vai procurá-la. Mas o que ele encontra é, também, essa memória do império. Acho que os portugueses não se dão bem com essa memória do império.

AF: Em *Longe de Manaus* também há a presença dessa memória, desses traços pós-coloniais e que também estará em *O mar em Casablanca*. Isso procede? Pode-se dizer que houve essa mudança?

FJV: *Lourenço Marques* é um bocadinho uma viragem, mas acho que *Longe de Manaus* é realmente a viragem, mesmo. Porque é o livro que eu tinha querido escrever mesmo. Era um livro em várias línguas e que em certa altura tive que cortar as coisas de Angola, porque isso implicava que eu tivesse que ir a Angola outra vez e não me apetecia nada. Por causa do som de Angola, do português de Angola. Mas também não era muito original. O que era original era ser Portugal e Brasil. E ter as personagens a falar o português de Portugal e o português do Brasil. Isso interessou-me muito. Explorar um bocadinho essa diferença. E por outro lado, explorar outra coisa que era a grande riqueza do português do Brasil, diferente ao mundo mais cristalizado do português de Portugal. Isso foi um pouquinho escandaloso na altura porque dizia-se: o português do Brasil roubou o português de Portugal e segue muito à frente porque abriu, criou... As coisas que me deram mais prazer ao escrever *Longe de Manaus* foram as páginas em português do Brasil. Sobretudo quando as duas meninas se encontram, quando uma recorda a outra e, portanto, quando ela fala. Isso naquele capítulo em que ela fala: “A vida é foda.” Acho que ainda hoje é o capítulo que eu mais gostei de escrever em minha vida. Depois porque há um capítulo também em que aparece certa disposição de gênero, não é? No fundo eu estou com o foco na voz de uma mulher que fala sobre os homens. Diz: “Homem é meio babaca mesmo, não é? Meio imbecil.” E, no fundo, é que ela era também, um bocadinho, o problema da minha geração, porque éramos uns perdidos. Quando ela encontra o Danilo no meio do pampa, “perdemos todos os amores já não sei há quanto tempo”. E aquilo dava uma pena imensa, uma agonia enorme. E, por outro lado, resistir à tentação. Muita gente perguntava: “Mas por que é que não cruzaste Daniela com Jaime Ramos?” Porque se eu cruzasse era horrível. Porque era um choque tremendo e eu não poderia fazer. Por isso me perguntavam: “Por que usaste a Daniela? Podias fazer só um romance de Daniela e Helena.” Não. Porque em nossa vida há coisas que acontecem numa noite, acontecem numa tarde, e já não

acontecem no dia seguinte. Acabou. E a Daniela e a Helena são histórias que nos lembram isso. Há dois argumentos de filme. Há dois roteiros de cinema para *Longe de Manaus*. Um é feito por uma brasileira, Helena Oliveira. E outro é feito cá em Portugal. E nos dois eles cruzam-se. No roteiro brasileiro eles cruzam-se em São Paulo, como no livro. No livro eles atravessam a rua, não se veem, nada. No português, eles cruzam-se no aeroporto. Mas nunca se encontram e isso, de facto, de os dois não se encontrarem me pareceu certo porque seria um bocadinho explosivo. Porque Jaime Ramos amaria a Helena. E Helena, se calhar, seria capaz de amar Jaime Ramos, mas isso seria uma relação descomposta, sem sentido porque são dois mundos diferentes. E essa é que é a grande pena, a grande nostalgia do *Longe de Manaus* é os desencontros. Estão sempre do princípio ao fim, aparece aquela coisa da estrela, o que é? Poeira.

AF: Você já mencionou que possui um “fascínio pelos derrotados”. O perfil melancólico do inspetor Jaime Ramos pode ser pensado dentro desse derrotismo? Essa resignação em Jaime Ramos, você a compreende como característica do homem contemporâneo geral ou apenas do personagem, enquanto um típico português?

FJV: Pois. É, se pensar que há uma virtude na derrota. Nós temos uma história precisamente porque precisamos. Como somos um país pequeno, muito limitado, temos necessidade de construir heróis absolutos. E acabamos por não os ter, acabamos por desrespeitá-los. E o Jaime Ramos tem uma inclinação muito forte pelos derrotados, pelos derrotados da história. Acho que o exemplo mais cativante para mim é a forma como ele se relaciona com dois personagens. Um é o personagem principal em *Longe de Manaus*, que recusa ir para a guerra e fica em casa fechado no sótão e vê o casamento da própria namorada. Essa é uma derrota absoluta e, em função disso, ele constrói toda a sua vida; e o outro é uma espécie de derrota que não foi reconhecida ainda que é, quando ele vai ao Douro e fala com o velho proprietário que diz: “Eu sou um derrotado. Sou uma pessoa do antigo regime.” E diz-lhe: “Se você pensa que o antigo regime é antes de 25 de abril, está enganado. Eu sou do de antes de 1820, sou do velho regime. Sou um dos derrotados.” Jaime Ramos tem uma certa ternura pelos derrotados da história. Não porque os queira transformar em vitoriosos, mas porque quer aprender com eles uma lição que é da resignação. E isso, às vezes, é uma das coisas que mais me irrita no Jaime Ramos: é a resignação. Ele é resignado, mas vai fazer o quê? Ele é assim, não é de outra maneira. Por que ele não casou com Lia, que

era aquela namorada de quem ele se despede na estação? Por que ele nunca casa com a Rosa? Por que ele se resigna? Isso irrita-me, mas não posso fazer nada. (*Risos.*) Eu acho que é como um típico português. É um produto da nossa cultura, da nossa má interpretação do passado. Ele é um produto daquela geração que atravessou a revolução sem a ter feito, que a viveu durante algum tempo, mas por ser pessimista não seguiu mais além. Repare que ele foi militante comunista. Ele diz que só há duas coisas certas: a morte e as outras quase (*inaudível*), portanto é o que ele continua a dizer. Eu acho que aquilo é uma marca do português. E é uma marca, de certa forma, de ser português. Que é aquela burguesia do Porto, só que tem esse tique melancólico mas que o burguês do Porto não tem. O burguês do Porto é muito positivo, é muito lutador. O Jaime Ramos dissimula porque é muito irônico, sobretudo quando conversa com Isaltino. Sua ironia vem ao de cima.

Minicurrículo

Adenize Aparecida Franco tem doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH/USP-2013) sobre o romance contemporâneo de língua portuguesa, em estudo comparado das obras de Francisco José Viegas e Bernardo Carvalho, mestrado em Literatura Brasileira (UFSC-2005) dedicado à obra *Angústia*, de Graciliano Ramos. É professora adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho/PR. Integra o Grupo de Pesquisas Crelit e desenvolve trabalhos sobre ficção contemporânea de língua portuguesa com base nos estudos comparados e dialógicos.